

**Resumo**

A teoria Humanística de Enfermagem apresenta a palavra *community* que pode ser interpretada como comunidade e comunhão. Este estudo objetivou refletir criticamente acerca da clareza semântica do conceito de *community*. Pesquisa bibliográfica realizada em dicionários, na literatura de lingüística, fenomenologia com a utilização do modelo de análise de teorias de Meleis. Após leitura compreensiva da Teoria Humanística recortamos trechos onde aparece a palavra *community* a qual foi substituída por *comunhão* e *comunidade*. Inferimos que *community* é usada de forma indistinta pelas autoras podendo significar comunidade e comunhão. Concluímos que embora as teóricas utilizem o termo comunidade para designar fenômenos que estariam mais bem representados pelo termo comunhão, este pode ser apreendido em sua plenitude como a perfeita união das palavras princípio EU-TU originando o NÓS.

**Descritores:** teoria, análise, enfermagem

**Abstract**

*The humanistic theory in Nursing introduces the word **community**, which can be understood as community and communion. The aim of this study is to critically analyze the true semantic meaning of **community**. This study was conducted through bibliographic research in dictionaries, Linguistics literature and Phenomenology by using Meleis' model of theory analysis. After carefully reading about Humanistic Theory, we have clipped some passages where communion and community replaced the word community. We then inferred that community is indistinctly used by authors and can be understood as community and communion, and we reached the conclusion that although theorists commonly use the term 'community' to refer to phenomena which would be better characterized by the term 'communion', 'community' can be totally comprehended as a perfect union between the beginning-words ME-YOU giving rise to US.*

**Descriptors:** theory; analysis; Nursing

**Title:** Humanistic Theory: Semantic Analysis of the Community Concept

**Resumen**

*La teoría Humanística de Enfermería presenta la palabra **community**, que se puede interpretar como comunidad y comunión. Reflexionar de forma crítica sobre la exactitud semántica del concepto **community** fue el objetivo del estudio. Se realizó una investigación bibliográfica en diccionarios, en la literatura lingüística, en fenomenología, utilizando el modelo de análisis de teorías de Meleis. Tras una lectura comprensiva de la Teoría Humanística se recortaron fragmentos donde la palabra **community** se había sustituido por **comunió**n y **comunidad**. Se infiere que **community** está utilizada de modo indistinto por las autoras, y así, puede significar tanto comunidad como comunión. Se concluye que, aunque las teóricas usen el término comunidad para designar fenómenos que estarían mejor representados por el término comunión, éste se puede tomar en su plenitud, como la perfecta unión de las palabras YO-TU que originan al NOSOTROS.*

**Descritores:** teoría; análisis; enfermería

**Título:** Teoría Humanística: Análisis Semántico del Concepto de Community

**1 Introdução**

Toda ciência requer uma linguagem peculiar e o desenvolvimento de um corpo de conhecimento próprio que possa ser aplicado à sua prática, sendo este expresso em termos de conceitos e teorias. Os conceitos é que possibilitarão aos cientistas e/ou pesquisadores categorizar, interpretar, estruturar e dar sentido dentro da sua área específica do saber. A Enfermagem, ao longo de sua história profissional, vem trilhando caminhos que têm possibilitado, através de uma reflexão crítica, apoiar sua práxis em conhecimentos teórico-científicos.

Desde seus primórdios, a Enfermagem vem acumulando um corpo de conhecimentos e técnicas empíricas e hoje desenvolve teorias relacionadas entre si que procuram explicar estes fatos à luz do universo natural<sup>(1)</sup>.

O desenvolvimento teórico da disciplina de enfermagem começou com a questão O que é a enfermagem? E resultou em numerosas teorias que inclusive tentaram responder à pergunta, identificando a missão e a meta da enfermagem. Isto foi seguido pelas tentativas de metateoristas para definir a estrutura da disciplina, as estratégias e as ferramentas para o desenvolvimento do conhecimento. Uma fase importante que se seguiu foi o desenvolvimento de conceito. O desenvolvimento de conceitos é uma fase significativa no progresso de uma disciplina. Processos usados no desenvolvimento de conceitos em enfermagem receberam atenção considerável durante as

últimas duas décadas do século 20 e, em troca, o uso destas estratégias fez contribuições principais para avançar o desenvolvimento de conceitos que refletem a natureza da disciplina de enfermagem<sup>(2)</sup>.

Os conceitos e suas definições são fundamentais à compreensão de uma teoria. Assim é primordial que estes sejam claros e explicitados para não levar a interpretações errôneas. É importante que um termo seja suficientemente descrito para que a imagem que se tenta projetar torne-se mais explícita<sup>(3)</sup>.

Nesse sentido, um dos desafios à *práxis* de Enfermagem é a necessidade de se chegar a um denominador comum no que concerne à clareza de conceitos, visto serem estes os alicerces das teorias. Muitos são os referenciais teóricos que norteiam a prática profissional, seja na assistência, na pesquisa ou no ensino, sendo estas construções teóricas embasadas em conhecimentos de outras disciplinas, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia, a exemplo da Teoria Humanística de Enfermagem<sup>(4,5)</sup>, que recebeu forte influência filosófica e fenomenológica de vários pensadores, tendo como conceitos básicos o diálogo, a comunidade e a enfermagem fenomenológica. Dentre estes o conceito de comunidade suscita maior clareza ante a amplitude de significados a si atribuídos.

Considerando a real necessidade de discernir a natureza do termo comunidade dentro do contexto em que é utilizado pelas teóricas, para que haja melhor compreensão e

\* Trabalho desenvolvido na disciplina de Análise Crítica de Teorias de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem DENF/FFOE/UFC.

\*\* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Projeto Integrado em Saúde Ocular da UFC.

\*\*\* Enfermeira. Maternidade Escola Assis Chateaubriand-MEAC/UFC. Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Projeto Integrado em Saúde Ocular da UFC.

E-mail do autor: pagliuca@ufc.br

aplicabilidade pelos enfermeiros que utilizam a referida Teoria, entendemos que uma forma de contribuir para o corpo de conhecimento da Enfermagem e suscitar outros debates acerca do tema seja uma análise crítica e reflexiva sobre o referido conceito.

Partindo dessa compreensão, fomos motivadas a recortar um dos Modelos de Análise de Teorias<sup>(2)</sup> para embasar este estudo que objetiva refletir criticamente acerca da clareza semântica do conceito de comunidade, como é definido na Teoria Humanística de Enfermagem, por entendermos que em algumas situações descritas este conceito é mais bem representado pelo termo *comunhão*.

## 2 Trajetória e caráter do estudo

Trata-se de um estudo bibliográfico embasado na literatura, que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras<sup>(6)</sup>. Desenvolvido no primeiro semestre de 2003 em Fortaleza-CE. Seu foco de análise centra-se na clareza semântica dos termos comunidade e *comunhão* mediante uma reflexão crítica na Teoria Humanística de Enfermagem<sup>(4,5)</sup> com a utilização do Modelo de Análise de Teorias de Meleis<sup>(2)</sup>, no qual a autora faz um resgate histórico do progresso da Enfermagem, focaliza os diversos caminhos possíveis através dos quais as teorias podem ser consideradas e analisadas e propõe um modelo de descrição, análise, crítica e teste da teoria. Este modelo pode ser utilizado como um todo ou em partes para analisar teorias.

Fundamentamo-nos no que assinala a autora, que define análise como um processo de identificação de partes e componentes para examiná-los em relação ao número de critérios identificados, sendo que este processo inclui a análise de conceitos e de teoria<sup>(2)</sup>. Recortamos desse modelo o segmento componentes estruturais e a seguir destacamos a unidade análise do conceito que, segundo a autora, é um processo útil para o ciclo de desenvolvimento e avaliação da teoria. A análise de conceito pode acontecer em muitos pontos diferentes no processo de avaliação e desenvolvimento.

O processo de análise de conceito inclui análise semântica, análise de derivação lógica e análise de contexto do conceito<sup>(2)</sup>. Elegemos como foco dessa pesquisa a análise semântica, em termos de clareza atribuída aos conceitos comunidade e *comunhão*, e para tal, realizamos consulta a diversos dicionários para apreender o significado dos termos propostos, bem como à literatura específica na área de lingüística e equivalência semântica na classificação de fenômenos de Enfermagem<sup>(7)</sup>.

Para maior embasamento teórico, realizamos uma leitura compreensiva da Teoria Humanística de Enfermagem<sup>(4,5)</sup> no idioma original, inglês, e da tradução na língua hispânica. A seguir selecionamos e recortamos trechos onde aparecem os termos citados, efetuando a substituição de *community* por *comunhão* e/ou comunidade para buscar a compreensão e os significados lingüísticos atribuídos aos conceitos em termos de clareza semântica. Na fase seguinte que compõe o processo de análise, consideramos a obra de Martin Buber<sup>(8)</sup> haja vista, sua influência filosófica e fenomenológica na referida Teoria.

## 3 O Modelo de Análise de Teorias proposto por Meleis<sup>(2)</sup>

As enfermeiras sempre avaliaram as teorias, para utilizá-las na prática, no ensino, no desenvolvimento de currículo, para operacionalizar a pesquisa ou utilizar cotidianamente em suas decisões de trabalho. Estas avaliações podem ser intencionais, sistemáticas, embasadas em critérios objetivos conscientes e elaboradas para aperfeiçoamento, ou podem ser subjetivas, experimentais, rápidas e baseadas na limitação de um conjunto de critérios<sup>(2)</sup>.

Todos os tipos de avaliação são essenciais, nenhum é suficiente para refletir sobre si mesmo. Por várias razões, a avaliação de teoria é um componente essencial para a prática

da enfermagem no desenvolvimento do conhecimento. Estas razões podem ser para decidir que teoria é mais apropriada; identificar teorias eficazes; comparar e constatar diferentes explicações; avaliar opiniões ontológicas; para a Enfermagem ter uma estrutura de trabalho e/ou para ser um consumidor crítico de teorias. A decisão de utilizar uma ou outra teoria envolve um processo objetivo e subjetivo, ambos importantes. Esses critérios oferecem melhor entendimento da escolha da questão central da teoria, objetivos, fenômeno e as estratégias para o desenvolvimento da teoria. Esses critérios também aguçam estágios para a crítica<sup>(2)</sup>.

Na análise da teoria, são avaliadas variáveis importantes que podem influenciar o desenvolvimento da teoria e as suas estruturas. Consoante a autora, uma análise compreensiva da teoria inclui considerações cuidadosas sobre as seguintes unidades de análise: o teórico (a) com relação à experiência profissional, rede profissional; contexto sociocultural. Sobre as origens paradigmáticas, no que concerne a referências bibliográficas, citações, conceitos proposições, hipóteses; e ainda das dimensões internas no que se refere a: base lógica, sistema de relações, conteúdo, extensão, meta, abstrações e método<sup>(2)</sup>.

A estrutura interna de uma teoria poderá estar mais bem descrita através do delineamento dos conceitos onde a teoria é construída, sendo as propriedades descritivas usadas em relação aos conceitos: clareza, definição, propriedades observadas, limitações. Os conceitos também são descritos como sendo: primitivos – conceitos que são originados dentro da própria teoria; derivados – conceitos derivados de outras teorias, são também considerados primitivos. Os conceitos podem ser avaliados nas seguintes dimensões: abstratos e concretos e nas variáveis gerais e não variáveis. O grau de generalidade é que define. Quanto mais geral é o conceito, mais ele transcende no tempo e no espaço e maior é o nível de abstração<sup>(2)</sup>.

Em relação a análise funcional, o foco recai sobre as suposições, proposições e conceitos. O processo de análise de conceito inclui análise semântica, que é análise de significados lingüísticos do rótulo dado ao conceito; análise de derivação lógica, que é a progressão lógica de identificar, apoiando, e etiquetar um conceito; e análise de contexto do conceito que inclui as condições debaixo das quais conceito é manifestado.

Importante, também, é a crítica da teoria, definida como exame ou estimativa de uma coisa ou situação, com vistas a determinar sua natureza e limitações ou suas conformidades com os padrões. Muitos critérios são essenciais na crítica da teoria: o relacionamento entre estrutura e função, o diagrama, o círculo de contágio, a utilidade e componentes externos<sup>(2)</sup>. A crítica da estrutura e função, uma das unidades de análise, se refere à clareza que é definida como uma contínua avaliação de altos e baixos. Denota precisão das limitações, se o conceito segue uma lógica, se há nitidez dos significados.

Ter clareza nos conceitos é ter definição teórica e operacional, que é consistente em toda teoria. Se são apresentados de uma maneira parcimoniosa, se são consistentes com as suposições e proposições da teoria. Questões como: os conceitos são operacionalmente definidos? Os conceitos aparentam ter validação do conteúdo e do construto? Ajudam a determinar a clareza do conceito? Propositadamente, a clareza é manifestada com uma apresentação lógica e coerente das proposições e ligações entre os conceitos e teorias<sup>(2)</sup>.

Conceitos são blocos da construção das teorias e os fundamentos de cada disciplina. São razões do progresso da disciplina de Enfermagem, mensurando a dimensão com os membros da disciplina, que são capazes de descobrir e desenvolver conceitos que refletem a relação do fenômeno para o cuidado de Enfermagem<sup>(2)</sup>.

#### 4 Revisão de literatura - Análise crítica da Teoria Humanística

A Teoria Humanística de Enfermagem, publicada em 1976, por enfermeiras, ambas professoras norte-americanas, descrevem o que se denomina prática humanística de Enfermagem. As autoras acreditam que a teoria de uma ciência em Enfermagem se desenvolve a partir das experiências vividas pelo enfermeiro e pela pessoa que recebe o cuidado<sup>(9)</sup>.

Na década de 1960, as teóricas, preocupadas com questões relacionadas a situações profissionais e clínicas de Enfermagem e seus significados para a existência humana, buscaram, através do diálogo franco e aberto junto a um grupo de enfermeiras que concluíam seus estudos e já atuavam em hospitais, refletir, analisar e questionar suas experiências no âmbito profissional para identificar fenômenos relevantes para a Enfermagem.

As teóricas referem que, através da reflexão, chegaram a considerar, descrever e distinguir esses diálogos como lutas com, e não contra idéias dos outros. Comunicam suas idéias, ao mesmo tempo em que estão abertas às perguntas dos outros, esforçando-se para esclarecer e verdadeiramente comunicar e questionar a si próprias e aos outros<sup>(4,5)</sup>.

Não há uma maneira simples para definir a essência da Enfermagem humanística, visto que sua preocupação centra-se nas experiências fenomenológicas dos seres humanos. Suas raízes acham-se no pensamento existencialista. O existencialismo é uma abordagem filosófica, segundo a qual os indivíduos têm a possibilidade de livre escolha e, a partir dessa escolha, determinam a direção e o significado de sua existência<sup>(9)</sup>.

A Enfermagem humanística ou fenomenológica evolui a partir da motivação de que a Enfermagem humanística deriva da Psicologia humanística. A forte influência que a teoria recebeu das obras literárias de psicólogos humanistas, fenomenologistas e existencialistas, como Marcel, Nietzsche, Hesse, Chardin, Bergson, Jung e Buber, é marcante e bastante clara em seus trabalhos. *Humanistic Nursing (1988)* é o resultado de anos de experiência em enfermagem clínica, na reflexão e exploração destas experiências, retratando como foram elas vividas com clientes psiquiátricos, estudantes, enfermeiras e outros profissionais que prestam auxílio<sup>(9)</sup>.

A pergunta central para as autoras era: como as enfermeiras e os pacientes interagem? E como podem as enfermeiras desenvolver a base de conhecimento para as situações de enfermagem? Porque elas entendem que essas situações experienciadas por ambos são os constituintes da ciência da Enfermagem<sup>(2)</sup>.

A teoria da prática de Enfermagem humanística, de acordo com as teóricas, propõe concretamente que as enfermeiras abordem a Enfermagem consciente e deliberadamente como uma experiência existencial. Sendo a Enfermagem uma experiência-existência que se vive entre seres humanos, é necessário que se reconheça cada ser humano, existindo singularmente em sua situação, lutando e diligenciando com seus companheiros para sobreviver e chegar a ser, para confirmar sua existência e entender seu significado<sup>(4,5)</sup>.

Na fenomenologia combinada com o humanismo em uma abordagem existencial-fenomenológica-humanista, há reverência à vida que valoriza a necessidade de interação humana, para que se determine o significado originário do indivíduo ser-no-mundo<sup>(9)</sup>.

Entre os pensadores que inspiraram as teóricas, destaca-se o filósofo e rabino Martin Buber, como aquele cujas idéias existencialistas e humanistas influenciaram diretamente as autoras. Referido filósofo traz um pensamento no qual percebemos a atualidade marcante em suas reflexões, que se fundamenta no vigor com que suas reflexões tornam possíveis novas análises e no comprometimento deste pensamento com a realidade concreta e a experiência vivida, ou seja, ocupa-se do que é mais característico do homem: sua humanidade. O

fato primordial de seu pensamento é a relação, o diálogo na atitude existencial da face a face.

Esse pensamento sobre os tipos de relação mostrou-se relevante para a prática de Enfermagem humanística ao focalizar a interação humana, no mundo vivido, criando as palavras princípio: EU-TU, EU-ISSO e NÓS<sup>(10)</sup>.

As teóricas<sup>(4,5)</sup> descrevem características especiais derivadas da fenomenologia existencial<sup>(7)</sup>. A primeira diz respeito ao relacionamento EU-TU, marcada pelo diálogo intuitivo e intersubjetivo que acontece quando um ser humano se envolve com o outro. Nessa relação sujeito-sujeito, cada um reconhece a singularidade do outro, e oferece ao outro a presença autêntica. Para as autoras, a autenticidade envolve respostas auditivas, olfativas, orais, visuais, táteis e sinestésicas, cada uma conferindo um significado singular à consciência do outro.

A segunda característica, EU-ISSO, compreende a relação sujeito-objeto. Embora guarde semelhança em como as pessoas interagem com os objetos, porém um objeto é aberto à investigação, enquanto o ser humano como objeto pode dar-se a conhecer ou obstaculizar esse conhecimento. Finalmente, a terceira característica, a relação NÓS, é o fenômeno da comunidade ou comunhão. É o momento em que as pessoas se unem e lutam por um objetivo comum.

#### 5 A Teoria Humanística de Enfermagem e seus principais conceitos

Na Enfermagem, como em qualquer outra ciência, os conceitos são significativos, sendo os que mais influenciam ou determinam sua práxis: o homem/indivíduo; a sociedade/ambiente; a saúde e a Enfermagem, sendo o indivíduo o centro dessa prática. Estes conceitos vêm sendo mencionados por vários enfermeiros desde Nightingale. Esses conceitos podem ser identificados por quatro conceitos do metaparadigma da Enfermagem: a pessoa da qual a Enfermagem cuida; o meio ambiente no qual a pessoa vive; o *continuum* saúde-doença, no qual a pessoa interage com o enfermeiro e, finalmente, as ações de Enfermagem em si<sup>(11)</sup>.

Na teoria da prática de Enfermagem humanística, o ser humano é visto a partir de sua individualidade, mas necessariamente relacionado com outros seres humanos, no tempo e no espaço. A saúde é considerada como uma questão de sobrevivência, como uma qualidade de vida ou morte, através do potencial que os indivíduos possuem para o bem-estar e o estar melhor. Enfermagem é vista dentro do contexto humano; uma resposta confortadora de uma pessoa para outra em um momento de necessidade, que visa ao desenvolvimento do bem-estar e do vir-a-ser<sup>(4,5)</sup>.

O processo de relação caracteriza a profissão do enfermeiro, na qual um ser humano ouve atentamente o outro com o objetivo de lhe prestar ajuda. Na teoria humanística, o potencial dos seres humanos é amplamente valorizado e, em lugar de tentar suplantando outras visões, volta-se para suplementá-las<sup>(10)</sup>.

Assim, no cotidiano da Enfermagem, teoria e prática não existem separadamente; ao contrário, se entrelaçam de forma articulada e harmoniosa para direcionar o fazer da Enfermagem. O modo como o ser-enfermeiro faz uso dessa teoria, que está tão intimamente articulada à sua práxis em resposta ao conhecimento e à necessidade do ser-cuidado, constitui não só a ciência, mas reflete a arte da Enfermagem.

A teoria e a prática da Enfermagem Humanística dependem da experiência, conceituação, participação e do ponto de vista particular de cada enfermeira em relação a sua visão de mundo e da Enfermagem<sup>(4,5)</sup>. Com base nesta visão, as teóricas sugerem três conceitos que são a base da Enfermagem humanística: o diálogo, a comunidade e a Enfermagem fenomenológica.

A Enfermagem é um diálogo vivo. Trata-se da enfermeira e do paciente, relacionando-se de modo criativo. Envolvidos

nesse diálogo, estão o encontrar-se, o relacionar-se e o estar presente; uma chamada e uma resposta, que constituem uma indicação da natureza complexa do diálogo vivo. O termo diálogo, como é empregado, tem um significado que transcende o conceito atribuído pelo dicionário, como a conversa entre duas ou mais pessoas. O diálogo tem um sentido existencial, uma forma de relação intersubjetiva, na qual um indivíduo distinto e único se relaciona com outro.

O encontro é a reunião de seres humanos e caracteriza-se pela expectativa de que haverá uma enfermeira e um alguém a ser atendido. A Enfermagem é um tipo especial e particular de encontro, porque tem uma finalidade. Paciente e enfermeira têm um objetivo e uma expectativa.

O relacionar-se se refere ao processo de a enfermeira estar com o outro ou desempenhar um com o outro. Os seres humanos relacionam-se como sujeito-objeto, quando utilizam e conhecem outros através de abstrações, conceituações, rótulos ou categorizações; e também como sujeito-sujeito, que ocorre quando duas pessoas se acham reciprocamente abertas, totalmente humanas. A relação EU-TU enseja esse potencial único. Ambas as relações são elementos integrantes da Enfermagem humanística.

A presença é a qualidade de estar aberto, receptivo, pronto, disponível para a outra pessoa de modo recíproco.

A presença efetiva é a condição para que ocorra um diálogo genuíno. As ações visíveis, não necessariamente significam presença, pois esta não pode ser demonstrada. No entanto, esta pode revelar-se sutilmente pelo olhar, pelo toque ou pelo timbre de voz<sup>(4-5)</sup>.

As autoras fazem uma analogia filosófica da descrição de Platão, que retrata a comunidade como um macrocosmo, sendo sua natureza condicionada à classe de homens, o microcosmo, que a compõe. Para as teóricas, a comunidade é considerada um macrocosmo, sendo a Enfermagem um microcosmo. Cada enfermeira pode diferenciar-se, entre si, como um microcosmo. Da união de ambos, resulta o progresso comum. A Enfermagem humanística ocorre e está influenciada pela comunidade. O macrocosmo, a comunidade, refletiria a qualidade da presença da enfermeira, e o microcosmo, a enfermeira, reflete a qualidade da presença da comunidade para com ela<sup>(4-5)</sup>.

A Metodologia da Teoria Humanista de Enfermagem como proposta pelas teóricas é composta por cinco fases:

Preparação da capacidade de conhecer da enfermeira para vir—a—conhecer. Nesta primeira fase, acontece a preparação da enfermeira cognoscente para conhecer. Essa preparação intelectual é derivada de introspecção, diálogo e leituras de obras literárias de autores de renome com diferentes visões e descrições da natureza.

A enfermeira conhece o outro intuitivamente. Esta etapa compreende o conhecimento intuitivo, exige estar dentro do outro, no ritmo das experiências do outro, o que resulta em um conhecimento especial e inexpressável; esse conhecimento intuitivo supõe a relação EU-TU, pressupondo, ainda, estar aberto ao significado das experiências do outro.

A enfermeira conhece cientificamente o outro. O fenômeno é visto por vários aspectos. A enfermeira analisa, considera o relacionamento entre os componentes, sintetiza temas e exemplos e em seguida interpreta sua visão seqüencial da realidade vivida através de símbolos.

Uma síntese complementar dos outros. Envolve o relacionar, o comparar e o contrastar aquilo que ocorre nas situações de Enfermagem para ampliar a compreensão própria acerca da Enfermagem. A enfermeira compara e sintetiza as múltiplas realidades conhecidas e chega a uma visão ampliada.

A seqüência no íntimo da enfermeira, dos vários ao único paradoxal. Nesta quinta etapa, a enfermeira inicia seu conhecimento por uma noção geral, algo intuitivamente captado; depois o estuda, compara, contrasta e sintetiza, de modo a

chegar a uma verdade que é significativamente pessoal, embora tenha um significado geral. Este é o paradoxo.

### Análise etimológica e clareza semântica dos conceitos de comunidade e comunhão

COMUNIDADE	COMUNHÃO
Sociedade; conjunto de pessoas com vida em comum. <sup>(12)</sup>	<i>Estar em comunhão; união de idéias e de sentimentos</i> <sup>(12)</sup>
Conjunto de miembros o elementos que forman un grupo; conjunto de personas que viven juntas y bajo ciertas reglas. Conjunto de personas que tienen las mismas ideas, unión de opiniones, sentimientos <sup>(13)</sup>	<i>Unión de las ideas, las opiniones e los sentimientos. Entre los verdaderos amigos existe una total comunidad, fusión, identificación</i> <sup>(13)</sup>
Corpo social, sociedade; grupo de pessoas submetidas a uma mesma regra religiosa; local por elas habitado. <sup>(14)</sup>	<i>Ato ou efeito de comungar; ato ou condição de partilhar das mesmas idéias, valores, sentimentos.</i> <sup>(14)</sup>
A body of people in the same locality. The public en general. People having common rights; body of persons leading a common life <sup>(15)</sup> .	<i>The act of communing spiritual intercourse or contact; fellowship; the interchange of transactions; the body of people uniting in such service</i> <sup>(15)</sup>
Do latim <i>communitate</i> ; <i>comum</i> ; <i>estado instinto social</i> ; <i>espírito de sociedade</i> <sup>(16)</sup> .	Do latim <i>communiōne</i> ; <i>ato de pôr em comum, participação</i> ; <i>caráter comum.</i> <sup>(16)</sup>

Para buscar a compreensão dos conceitos que embasam a Teoria Humanística de Enfermagem pesquisamos em diversos dicionários o significado de comunidade e comunhão, dos quais selecionamos cinco que são apresentados no quadro a seguir.

Etimologicamente, semântica, do grego *semantiké*, é definida normalmente como estudo do significado dos signos ou teoria da significação. Entretanto, o autor nos chama a atenção para o fato de que essa definição é muito genérica para ser satisfatória. Não explica, por exemplo, qual é a unidade lingüística cujo significado a semântica estuda, não se sabe, através desses conceitos, se ela se debruça sobre o morfema, a palavra, a frase ou o texto. Para conceituar semântica de maneira satisfatória, é, necessário percorrer, ao menos rapidamente, a história do seu desenvolvimento<sup>(17)</sup>.

Este termo foi utilizado em fins do século XIX por Michel Bréal para designar o estudo do sentido. Esse lingüista estabeleceu que o objetivo desse ramo do conhecimento era investigar as mudanças de sentido das palavras a fim de determinar os mecanismos que regulam essas alterações. Instituiu ele os fundamentos de uma semântica diacrônica, valendo-se dos conceitos desenvolvidos pela retórica clássica e pela estilística<sup>(17)</sup>.

Etimologicamente, o termo comunidade, do inglês (*community*), espanhol (*comunidad*), francês (*communauté*), italiano (*comunità*), deriva do latim (*communitate*), é conceituada como conjunto de pessoas com vida em comum debaixo de certas regras, em um lugar por elas habitado. Enquanto que o termo comunhão, do inglês (*communion*), espanhol (*comunió*), francês (*communion*), italiano (*comunione*) deriva do latim (*communiōne*) e é definido como união de idéias, opiniões e de sentimentos. Cabe, portanto, considerar comunhão o subtendido no discurso *O espírito não está no Eu mas entre o Eu e o Tu (...)* o homem vive no espírito na medida em que pode responder ao seu Tu. Ele só é capaz disso quando entra na relação com todo o seu ser<sup>(8)</sup>.

Para fundamentar nossa tese, após leituras sucessivas e recortes de trechos onde aparece a palavra *community* esta foi substituída pelas palavras comunidade/comunhão. A releitura do texto assim reescrito permitiu inferir que **comunidade** e **comunhão** são termos diametralmente opostos. Comunidade está implicitamente ligada ao espaço físico em que se processa o encontro, enquanto que comunhão está na

esfera do intersubjetivo. É possível estar em comunhão com o outro ser em comunidade, independente do ambiente que esse encontro venha a ocorrer, no entanto estar em comunidade não implica estar em comunhão. O exemplo do quadro apresentado a seguir ilustra a síntese da análise procedida neste estudo.

plenitude do encontro, a beleza singular que só pode ser contemplada como referido na seguinte citação:

Aquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam do seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, sábios e tolos, belos e feios, uns

Teoria Humanística (inglês)	Teoria Humanística (espanhol)	Tradução
Humanistic nursing creates happens within, and, is affected by <b>community</b> <sup>(4)</sup>	La enfermería humanística genera ocurre en, y es influida por la <b>comunidad</b> <sup>(5)</sup>	A Enfermagem humanística ocorre é afetada pela <b>comunidade</b>
To be a quality force within <b>community</b> a nurse must open her being to the endless innovative possibilities <sup>(4)</sup>	Para ser una fuerza calificada en la <b>comunidad</b> , la enfermera debe abrir su ser a las infinitas posibilidades innovadoras <sup>(5)</sup>	Para ser uma força de qualidade dentro da <b>comunidade</b> a enfermeira deve estar aberta a infinitas possibilidades
Man relates with others as "We". This permits the phenomenon of <b>community</b> <sup>(4)</sup>	El hombre se relaciona con los otros como <b>nosotros</b> . Esto posibilita el fenómeno de la <b>comunidad</b> <sup>(5)</sup>	O homem se relaciona com os outros homens como "nós". Isto possibilita o fenômeno da <b>comunhão</b> .
If each man can be likened to a <b>community</b> of his internalized "thous" <sup>(4)</sup> .	Si puede comparar a cada hombre con una <b>comunidad</b> de sus "tus" internalizados <sup>(5)</sup>	Cada homem pode ser comparado a <b>comunhão</b> de seus "tus" internalizados

## 6 Buscando a compreensão dos conceitos de comunidade e comunhão à luz da semântica

Na pesquisa realizada em obra da Sociologia, há referência que um dos termos bastante controvertidos que veio a ter uma grande variedade de significados é comunidade. Este termo é empregado às vezes como sinônimo de sociedade, cidade, vizinhança, inclusive em expressões como Comunidade católica, Comunidade negra para designar, nas grandes cidades, certa categorias sociais sem coesão. Uma palavra que é rodeada de significados múltiplos e imprecisos requer, naturalmente, uma cuidadosa definição técnica: comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que se servem de meios comuns para lograr fins comuns. Uma comunidade é essencialmente "ligada ao solo" no sentido de que os indivíduos vivem permanentemente numa dada área e funcionam conjuntamente nos principais assuntos da vida. A comunidade é considerada sempre em relação ao meio físico<sup>(18)</sup>.

Ainda em relação à semântica, encontramos resultados de pesquisa desenvolvida por enfermeiras que procederam à equivalência semântica dos fenômenos constantes na CIPE-Classificação de Fenômenos de Enfermagem-versão Alfa, objetivando definir uma linguagem universal da prática de Enfermagem. O estudo constou de três etapas: tradução e classificação dos fenômenos de Enfermagem em inglês para língua portuguesa, por um bilingüe, incluindo revisão, correção e modificações por outro bilingüe e uma revisão final por um *expert*; *back-translation* feita por outro elemento bilingüe; revisão e modificação da *back-translation* por um grupo de *experts* na área da Enfermagem e finalmente a verificação da equivalência semântica dos fenômenos das duas versões, classificando os títulos e as definições como tendo exatamente o mesmo significado, quase o mesmo significado e significado diferente<sup>(7)</sup>.

Entre os conceitos analisados, encontramos comunidade, definida como um fenômeno de enfermagem pertencente ao meio ambiente humano, com a seguinte característica específica: ação que mantém funcionando todas as pessoas de um distrito, cidade ou área geográfica particular. Observamos que o conceito de sociedade, no mesmo estudo, assemelha-se ao conceito de comunidade. Portanto um fenômeno físico e não intersubjetivo como o conceito de comunhão.

Voltando a nossa visão para as citações selecionadas da Teoria em estudo, constatamos que, ao procedermos à substituição do termo comunidade por comunhão, em alguns segmentos da Teoria, podemos vislumbrar o fenômeno da verdadeira comunhão, o face-a-face, a sutileza do olhar, a

após outros, tornam-se para ele atuais, tornam-se TU, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra *cada um face-a-face*<sup>(8)</sup>

Constatamos que o conceito comunidade carece de maior clareza semântica para uma melhor compreensão do seu real significado. Este fato nos faz acreditar que, para as teóricas, os termos se equivalem, ou seja, *community* é utilizado tanto para designar o fenômeno da comunidade, como sendo um espaço geográfico onde pessoas com interesses comuns se reúnem e lutam por seus objetivos, e comunhão como sendo união de idéias, opiniões, sentimentos. No entanto, para nós, ambos os termos têm sentidos divergentes, portanto necessitamos utilizar os dois termos para expressar o fenômeno, dependendo da sua natureza.

## 7 Tecendo algumas Considerações Finais

A análise realizada dos conceitos de comunidade e comunhão da Teoria Humanística de Enfermagem nos conduziu a reflexões acerca da importância e pertinência da clareza semântica dos conceitos que embasam uma teoria.

Assim, corroboramos a idéia dos autores quando referem que a clarificação e diferenciação sistemática de conceito são críticas para o avanço do conhecimento e o desenvolvimento de disciplinas científicas, sendo pré-requisito para a evolução da teoria e necessário para uma comunicação clara e precisa entre os membros da disciplina<sup>(19)</sup>.

O Modelo de Análise de Teorias utilizado, apesar de sua complexidade, contribuiu sobremaneira para o objetivo proposto, possibilitando uma visão ampliada da Teoria analisada, o que nos permitiu chegar a algumas conclusões acerca de um dos seus principais conceitos.

Consideramos que, embora as teóricas utilizem o termo comunidade para designar alguns fenômenos que para nós estariam mais bem representados pelo termo comunhão como um dos conceitos da teoria, este pode ser apreendido em sua plenitude como a perfeita união das palavras princípio EU-TU originando o NÓS como resultante do diálogo, do encontro do relacionamento e da pre-sença autêntica que, consoante as teóricas, se revela através da sutileza do olhar, o timbre da voz, do toque, isto porque, as ações visíveis não necessariamente significam presença<sup>(4,5)</sup>.

Assim, acreditamos que, mesmo não estando explicitado o termo comunhão, a exemplo da presença genuína, se desvela e permeia as ações da enfermagem humanística, considerada como um diálogo vivo, nos chamados e respostas, na relação inter-humana direcionada a nutrir o bem-estar e o

estar melhor do ser humano sendo que esta relação se encontra presente nas fases da enfermagem fenomenológica.

### Referências

1. Horta WA. Processo de enfermagem. São Paulo: EPU; 1979. 99 p.
2. Meleis AI. Theoretical nursing, development and progress. New York: Lippincott; 1997. 665 p.
3. Torres GA Posição dos conceitos e teorias na enfermagem. *In*: George JB, organizadora. Teorias de enfermagem: fundamentos para a prática profissional. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1993. 338 p. il. p. 13-23.
4. Paterson JG, Zderad LT. Enfermeria humanística. México: Limusa; 1979. 201 p.
5. Paterson JG, Zderad LT. Humanistic nursing. New York: National League for Nursing, 1988. 129 p.
6. Leopardi MT. Metodologia da pesquisa na saúde. Santa Maria (RS): Palotti; 2001. 334p. p. 126-75.
7. Nóbrega MML, Gutierrez MGR. Equivalência semântica da classificação de fenômenos de enfermagem da CIPE - Versão Alfa. João Pessoa (PB): Idéia; 2000. 136 p.
8. Buber M. Eu e tu. São Paulo: Moraes; 1974. 170 p.
9. Praeger SG, Josephine E, Paterson e Loretta T, Zderad. *In*: George JB, organizadora. Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional. 4ª ed. Porto Alegre (RS): ARTMED; 2000. 338 p. il. p. 241-51.
10. Cardoso MVLL, Pagliuca LMF. Caminho da luz: a deficiência visual e a família. Fortaleza (CE): Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura; 1999. 95 p.
11. Fawcett J. Analysis and evaluation of conceptual models of nursing. Philadelphia (PA): F. A. Davis; 1983. 724p.
12. Ferreira AG. Dicionário de português-latim. Porto: Porto; 1996. 715 p.p.209.
13. Universidad de Alcalá de Henares. Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. 1510 p. p.314-5.
14. Ferreira ABH. Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2000. 790 p. p.170.
15. Michaelis C. Complete english dictionary. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996. 2062 p. p.347.
16. Machado JP. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Confluência; 1967. 743 p. p.669.
17. Fiorini JL. Elementos de análise do discurso. 6ª ed. São Paulo: Contexto; 1997. 93 p.
18. A sociedade. *In*: Ficheter JH. Sociologia. 4ª ed. São Paulo: EPU; 1975. 518p. p.174-7.
19. Haase JE, Leidy NK, Coward DD, Britt T, Penn PE. *In*: Rodgers BL, Knafel KA. Concept development in nursing: foundations, techniques and applications. 2ª ed. Philadelphia (PA): WB Saunders; 2000. 458 p. 209-29.

---

Data de Recebimento: 19/06/2003

Data de Aprovação: 20/03/2004